



O ASPECTO VERBAL NO TRATAMENTO DO TEMPO (THE VERBAL ASPECT IN THE TREATMENT OF TIME)

Alessandra Garcia da SILVA (Universidade Estadual de Maringá)

ABSTRACT: *This paper considers the time/tense relationship in English and Portuguese, establishing a theoretic parallel. We aim at highlighting the importance of the category of aspect in the description of time and the relevance of teaching it as a way to develop more efficient language competence.*

KEYWORDS: *grammar; time; verb tenses; aspect; modality*

0. Introdução

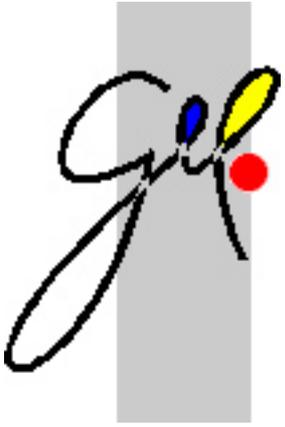
Este trabalho considera a categoria gramatical de tempo na língua portuguesa traçando um paralelo com a língua inglesa, explicitando diferenças e pontos em comum pertinentes à categoria. Objetivamos com isso levantar pontos importantes a serem considerados no trabalho com estas categorias no ensino de línguas.

1. O tempo enquanto categoria gramatical

“Chama-se tempo uma categoria gramatical geralmente associada a um verbo e que traduz diversas categorizações do tempo ‘real’ ou ‘natural’. A categorização mais freqüente é a que opõe o presente, momento do enunciado produzido (ou ‘agora’), ao não-presente, podendo este último ser o passado, antes do momento do enunciado (antes de ‘agora’), e o futuro, depois do momento do enunciado (depois de ‘agora’): são os tempos absolutos.” [DUBOIS:1991].

A partir do que define Dubois, teceremos algumas considerações importantes quando nos dispomos a tratar do tempo enquanto categoria gramatical. A primeira delas é que **tempo** não é exclusivamente uma categoria gramatical potencialmente presente em todas as línguas, segundo a idéia de que todas as línguas se utilizam das mesmas estruturas. Na verdade, o que é comum a todas as culturas é a noção de que os dias se sucedem, de forma que houve um dia anterior a hoje, o ontem, e por simples observação e dedução, deverá haver um dia depois de hoje, o amanhã. O mesmo acontecendo com as partes do dia e com unidades maiores ou menores de tempo; há então um conceito de tempo enquanto “medida de duração dos fenômenos”, como um dicionário bem define. [Luft: s/d]

Quando trata da categoria, Francisco Borba [1984] a considera deficiente e insuficiente “porque nem sempre corresponde à noção que queremos expressar (...) e



por isso, também o tempo não é representado em todas as línguas.” Desta forma, vemos que o tempo é conhecido universalmente enquanto conceito, mas sua expressão não é necessariamente representada por uma categoria gramatical. Aliás, mesmo a aparente obrigatoriedade do vínculo com a classe dos verbos não se verifica, como o mesmo Borba afirma, acrescentando que “(...) fora o verbo há classes de palavras capazes de expressar noções temporais com bastante precisão.”

Partilhando dessas idéias, verificamos que, apesar de *geralmente* associado ao verbo, conforme a citação inicial, o tempo pode ser expresso por outras classes de palavras. Assim, em

(01) Vi você ontem

vemos que não é apenas o verbo *ver*, na primeira pessoa do pretérito perfeito do subjuntivo, que expressa a noção de passado, mas também o advérbio *ontem* desempenha tal papel de forma mais precisa, porque apenas “Vi você” remete a um passado não específico.

Borba ainda considera a subjetividade da categoria do tempo, afinal é o sujeito “que concebe o tempo como uma linha abstrata ideal e aí traça divisões em relação a si mesmo”. Essa subjetividade acontece porque nem os verbos nem mesmo os nomes e advérbios podem assegurar que o momento de uma enunciação seja apreendido com absoluta exatidão. Em (01), o enunciatário possivelmente interpretará que o enunciador o viu no dia anterior ao corrente. Porém, em outras enunciações, o mesmo advérbio poderá não ser interpretado como “o dia antes de hoje”, assumindo outros sentidos.

(02) Ontem vivíamos no atraso da ignorância, mas hoje, com a inauguração desta universidade, as portas da sabedoria e do progresso se abrem para nós.

Neste segundo caso, *ontem* não significa apenas “o dia antes de hoje”, mas “todos os dias antes de hoje”. A característica de indicar o tempo dos fatos expressos pelo verbo a partir do ponto de vista do locutor e em relação ao tempo da enunciação permite-nos colocar o tempo entre as categorias dêiticas.

2. O tempo em português e em inglês

Português e inglês têm várias semelhanças quanto à modalidade temporal. Ambas as línguas possuem mecanismos de expressão para fatos passados, presentes e futuros, expressando verbalmente a tripartição conceitual do tempo. A grande diferença está no fato de o inglês não considerar esta tripartição do tempo para a categoria gramatical. Comparemos as definições:

“Os três tempos naturais são o **presente**, o pretérito (ou **passado**) e o futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.” [Celso Cunha: 1985]



*“English has two tenses: **present tense** and **past tense**. As the names imply, the present tense normally refers to present time and past tense to past time.” [Quirk, 1978]¹*

Podemos observar que a nomenclatura do português não distingue um vocábulo para o conceito universal de tempo e outro para a categoria gramatical, o que ocorre no inglês: *time* é usado para expressar o conceito universal da passagem dos dias, e *tense* é usado para a categoria gramatical especificamente responsável por fazer referência à realidade extralingüística que o tempo é.

Além disso, temos duas diferentes caracterizações para o tempo gramatical: a do português que considera três tempos gramaticais e a do inglês que considera apenas duas. Aqui não temos apenas o fato de uma língua possuir (ou não) morfemas indicadores de diversos tempos verbais, mas um processo que envolve uma série de conceitos muito mais significativos; o primeiro destes diz respeito à relação entre os tempos e os modos verbais.

Desta forma, teríamos o presente e o passado diretamente ligados ao modo indicativo, por expressarem ambos a noção de certeza. Realmente, podemos estar mais certos das coisas ocorridas no passado ou no presente do que determinarmos esta certeza em relação ao futuro. A este cabem, então, valores relacionados aos modos subjuntivo e imperativo, já que expressam as noções de dúvida, incerteza e desejo para o primeiro e de ordem, pedido e súplica para o segundo. Conforme Mesquita [1999], o futuro trata de um fato que “deverá ocorrer depois do ato da fala” (grifo nosso).

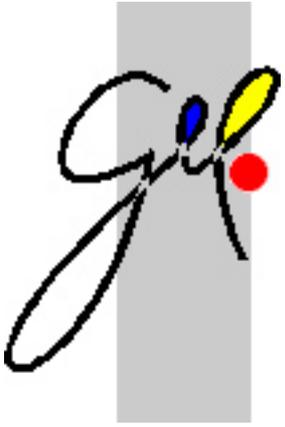
Podemos depreender daí que presente e passado estabelecem uma oposição com o futuro por expressarem noções que encontram-se no eixo da realidade, enquanto o futuro expressa idéias no eixo da possibilidade². Veremos mais adiante que o futuro é o tempo mais facilmente associável com a relação tempo-modo-aspecto verbal.

3. O futuro e seu valor modal

Segundo Mattoso Câmara [1974], o “futuro lidimamente temporal” é uma elaboração tardia da língua, que permanece, enquanto forma de expressar o tempo futuro conceitual, restrito à norma culta da língua. Efetivamente, a expressão do tempo futuro se dá pela utilização de um auxiliar conjugado mais o infinitivo do verbo principal, tanto em situações coloquiais como nas chamadas “semi-formais”. O futuro tem um caráter fortemente modal, isto é, mesmo quando empregado em formas do modo indicativo, assume noções de ordem ou incerteza, típicos dos modos imperativo e subjuntivo. Vejamos os exemplos:

¹ O inglês tem dois tempo [gramaticais]: o **presente** e o **passado**. Como implicam os nomes, o presente normalmente se refere ao tempo presente e o passado ao tempo passado.

² Para Jespersen (apud Camara Jr: 1991) o pretérito é naturalmente associado ao não-real, mas como já observou Camara, “o pretérito imperfeito é que tem o emprego ‘metafórico’ para indicar modalmente a irrealidade.” Neste trabalho, consideramos o aspecto imperfectivo como tradutor aspectual da irrealidade e não do tempo pretérito em si.



- (03) O réu será mantido em cela especial
(04) Salvará Samuel sua amada?

Vemos claramente que na primeira sentença a noção expressa é imperativa e na segunda temos a expressão de uma dúvida, conforme a subjetividade que o locutor confere ao enunciado citada por Borba anteriormente. Esse valor modal é ainda mais explícito no inglês, uma vez que o futuro nem é considerado propriamente como um tempo gramatical, admitindo-se vários modos de se expressar os fatos vindouros, segundo o aspecto a eles associados.

*“There is no obvious future tense in English corresponding to the time/tense parallel for present and past. Instead there are a number of possibilities of denoting future time. Futurity, modality and aspect are closely related, and future time is rendered by means of modal auxiliaries or semi-auxiliaries, or by simple present or progressive forms.”*³ [Quirk: 1978]

Assim, as noções de futuro serão expressas não por um mesmo auxiliar, como o caso do verbo **ir** em português, mas por auxiliares que denotem “futuridade, modalidade ou aspecto”. A forma utilizada trará valores relacionados aos graus de concretização e de aspecto que se quer denotar. Vejamos isso com exemplos:

- (05) *It might rain this afternoon.* (Pode chover hoje a tarde.)
(06) *It will rain this afternoon.* (Choverá hoje a tarde.)

É clara a distinção entre os dois conceitos expressos nos enunciados; o importante é observar que esta distinção do grau de possibilidade se deu diretamente através do verbos auxiliar, função que o **ir** do português não é capaz de desempenhar, sendo necessário o emprego de outros verbos/estruturas modalizadoras, como:

- (07) Pode chover / Pode ser que chova
(08) Deve chover ou
(09) É provável que chova

4. O papel do aspecto

De acordo com Mesquita [1999], o aspecto “expressa o momento em que a ação é representada (seu início, seu desenrolar, ou seu final) e/ou acrescenta-lhe algum

³ Não há um tempo [gramatical] futuro óbvio em inglês correspondente ao paralelo de tempo[conceitual] *versus* tempo[gramatical] do presente e do passado. Ao invés disso, há diversas possibilidades de se denotar o tempo futuro. Futuridade, modalidade e aspecto estão intimamente relacionados, e o futuro é traduzido por meio de auxiliares ou semi-auxiliares modais, ou pelas formas de presente simples ou contínuo.



sentido especial, como a idéia da repetição da ação.” Para nós, falantes do português, o tempo verbal é mais facilmente perceptível pela própria existência de morfemas que denotam os tempos gramaticais, enquanto que as marcas do aspecto somente são detectáveis quando se faz uma análise conceitual do próprio processo expresso pelo verbo.

Abordando a questão do aspecto verbal, Mattoso Câmara Jr. [1974] e Biber [1999] apresentam considerações semelhantes:

“Estamos habituados a uma divisão das formas verbais pela categoria do **tempo**, que assinala a época da ocorrência em relação ao momento em que se fala. Mas é preciso levar também em conta o **aspecto**, que considera a duração do processo em si mesmo (...). O tempo e o aspecto se coordenam, em regra, na expressão de uma forma verbal (...)

“From a semantic point of view, both tense and aspect relate primarily to time distinctions in the verb phrase.”⁴

De fato, no inglês, o aspecto é tido como um dos elementos explícitos do significado do verbo, e faz parte, nominalmente da própria nomenclatura do tempo gramatical (*Present Simple, Present Progressive, Present Perfect; Present perfect Progressive*). Este fato é um dos grandes complicadores quando se trata de falantes do português que aprendem o inglês, dada a não-familiaridade com as implicações do aspecto no ato enunciativo. Entender que o aspecto retrata o modo como o falante vê a ação e decide comentá-la leva algum tempo, mas é essencial para um aprendizado eficaz do sistema verbal inglês.

Em Mesquita [1999], encontramos o modo pelo qual o aspecto se liga ao sentido expresso pelo verbo e as várias formas que isso ocorre: por prefixos e sufixos (**esbravejar**; **bebericar**); pelo tempo verbal ou pelo uso de locuções verbais: (**Era uma vez** um rei que **vivia** num país feliz e tranquilo); pelo próprio sentido do verbo (A menina vive choramingando pelos cantos); e por um verbo auxiliar (**Terminei de explicar** o assunto, mas acredito que poucos o compreenderam). Quanto às formas verbais, Mattoso Câmara [1991], comenta que o gerúndio é “imperfeito”, ou inconcluso e o particípio, perfeito ou conclusivo. Mesmo a categoria de voz tem valor aspectual. Segundo ele, o valor de pretérito da voz passiva é apenas “subproduto do seu valor de aspecto perfeito”.

5. Conclusão

Neste trabalho, discutimos o conceito de tempo enquanto categoria gramatical e sua relação com o tempo ideológico, salientando a influência dos valores aspectuais e

⁴ De um ponto de vista semântico, tanto o tempo [gramatical] quanto o aspecto se relacionam primariamente com as distinções temporais no sintagma verbal.



modais na representação do tempo. Demonstramos que as categorias de tempo, modo e aspecto têm pesos diferenciados em inglês e português no desempenho desta função.

Em conclusão, ainda que coadjuvante em nossa língua, é fundamental que a noção de aspecto seja incorporada ao trabalho com verbos na escola. Atividades que enfatizem as várias maneiras de se dizer e/ou escrever uma “mesma coisa” estimulam o desenvolvimento do domínio da língua e trarão à baila produtivas discussões sobre as sutis (ou não) diferenças entre uma forma e outra de se colocar um enunciado, desenvolvendo não apenas o domínio quantitativo da língua, mas qualitativo, ou “crítico” desta. Como consequência última, nossos alunos serão capazes de escolher por si próprios o melhor modo de se expressarem, conferindo o efeito desejado ao seu enunciado.

RESUMO: Este artigo considera a relação do tempo conceitual *versus* tempo gramatical em português e inglês, estabelecendo um paralelo teórico-descritivo. Buscamos explicitar a importância da categoria de aspecto na descrição do tempo e a relevância de ensiná-la como uma forma de desenvolver a competência lingüística.

PALAVRAS-CHAVE: gramática; tempo conceitual/verbal; aspecto; modo

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIBER Douglas et alii. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. London: Longman, 1999.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos Estudos Lingüísticos*. 8.^a edição. Cia Editora Nacional, s/l, 1984.
- CAMARA JÚNIOR. Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 4.^a edição. Rio de Janeiro: Livraria Academia, 1974.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 20.^a edição. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CUNHA, Celso F. & CINTRA, Luís F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2.^a edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LUFT, Celso P. *Minidicionário Luft*. 5.^a edição. São Paulo: Ática-Scipione, s/d.
- MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da Língua Portuguesa*. 8.^a edição. São Paulo: Saraiva, 1999.
- QUIRK, Randolph et alii. *A Grammar of Contemporary English*. London: Longman, 1978.